

Revista **a** EVOLUÇÃO



FÁTIMA GAMA

Profa. Doutoranda em Ciências Sociais

ENTREVISTA

Profa. Dra. KÁTIA CARNEIRO, da UFRJ.



LANÇAMENTO



Participa de
ABEC
BRASIL
Associação Brasileira de Editores Científicos



INTERNATIONAL
STANDARD
NUMBER
ISSN



Platform &
workflow by
OJS / PKP

www.primeiraevolucao.com.br

Revista **EVOLUÇÃO**

Ano V - nº 51 - Abril de 2024

ISSN 2675-2573

Uma publicação mensal da Edições Livro Alternativo

Editor Responsável:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Editor correspondente (Angola):

Manuel Francisco Neto

Coordenaram esta edição:

Vilma Maria da Silva

Mirella Clerici Loayza

Colunista:

Adeilson Batista Lins

Organização:

Manuel Francisco Neto

Vilma Maria da Silva

AUTORES(AS) DESTA EDIÇÃO

Adriana Pereira Santos da Silva

Alecina do Nascimento Santos

André Luiz Dias Leite

Andressa Talita de Lara

Angelita Aparecida Ferreira Gebin

Antônio dos Santos J. Miguel e Fátima T. Dias dos Santos Gama

Beatris Maria Mocellin

Daniel Leopoldo Moreira Barbosa

Daniela Proença Verly da Silva

Dinah Luisa da Silva

Ester de Paula Oliveira

Elisangela Santos Reimberg Eduardo

Josefa Bezerra de Meneses

Letícia Zuza de Lima Cabral

Lucimara dos Santos de Barros

Marcela Rodrigues Pimentel

Maria Aparecida Armandilha Nunes

Maria de Fátima Costa Rocha

Marilena Wackler

Sidnéa dos Santos Quintino Amorim

Sidneia Viana

Sileusa Soares da Silva

Soraia Mitauy Freitas

Vilma Cavalcante Sabino da Silva

Os artigos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores e não expressam, necessariamente, a opinião da revista.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Revista Primeira Evolução [recurso eletrônico] / [Editor] Antonio Raimundo Pereira Medrado. – ano 5, n. 51 (abr. 2024). – São Paulo : Edições Livro Alternativo, 2024. 196 p. : il. color

Bibliografia

Mensal

ISSN 2675-2573 (on-line)

Modo de acesso: <https://primeiraevolucao.com.br>

DOI 10.52078/issn2675-2573.rpe.51

1. Educação – Periódicos. 2. Pedagogia – Periódicos. I. Medrado, Antonio Raimundo Pereira, editor. II. Título.

CDD 22. ed. 370.5

Patrícia Martins da Silva Rede – Bibliotecária – CRB-8/5877

ACESSOS:

<https://primeiraevolucao.com.br>



<https://doi.org/10.52078/issn2675-2573.rpe.51>

A

São Paulo | 2024

Editor Responsável:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Editor correspondente (ANGOLA):

Manuel Francisco Neto

Coordenação editorial:

Ana Paula de Lima
Andreia Fernandes de Souza
Antônio Raimundo Pereira Medrado
Isac Chateaneuf
José Wilton dos Santos
Manuel Francisco Neto
Vilma Maria da Silva

Com. de Avaliação e Leitura:

Prof. Dr. Adeílson Batista Lins
Prof. Me. Alexandre Passos Bitencourt
Profª. Esp. Ana Paula de Lima
Profª. Dra. Andreia Fernandes de Souza
Profª. Dra. Denise Mak
Prof. Dr. Isac Chateaneuf
Prof. Dr. Manuel Francisco Neto
Profª. Ma. Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco
Profª. Esp. Mirella Clerici Loayza
Profª. Dra. Thais Thomaz Bovo

Bibliotecária:

Patrícia Martins da Silva Rede

Colunistas:

Prof. Dr. Adeílson Batista Lins
Prof. Dr. Isac Chateaneuf

Edição, Web-edição e projetos:

Antonio Raimundo Pereira Medrado
Vilma Maria da Silva
Lee Anthony Medrado

Contatos

Tel. 55(11) 99543-5703
Whatsapp: 55(11) 99543-5703
primeiraevolucao@gmail.com (S. Paulo)
netomanuelfrancisco@gmail.com (Luanda)
<https://primeiraevolucao.com.br>

Imagens, fotos, vetores etc:

<https://publicdomainvectors.org/>
<https://pixabay.com>
<https://www.pngwing.com>
<https://br.freepik.com>

Publicada no Brasil por:

Edições
Livro Alternativo

CNPJ: 28.657.494/0001-09

Colaboradores voluntários em:



Esta revista é mantida e financiada por professoras e professores.
Sua distribuição é, e sempre será, livre e gratuita.

A revista PRIMEIRA EVOLUÇÃO é um projeto editorial criado pela **Edições Livro Alternativo** para ajudar e incentivar professores(as) a publicarem suas pesquisas, estudos, vivências ou relatos de experiências.

Seu corpo editorial é formado por professores/as especialistas, mestres/as e doutores/as que atuam na rede pública de ensino, e por profissionais do livro e da tecnologia da informação.

Uma de suas principais características é o fato de ser **independente e totalmente financiada por professoras e professores**, e de distribuição gratuita.

PROPÓSITOS:

Rediscutir, repensar e refletir sobre os mais diversos aspectos educacionais com base nas experiências, pesquisas, estudos e vivências dos profissionais da educação;

Proporcionar a publicação de livros, artigos e ensaios que contribuam para a evolução da educação e dos educadores(as);

Possibilitar a publicação de livros de autores(as) independentes;
Promover o acesso, informação, uso, estudo e compartilhamento de softwares livres;

Incentivar a produção de livros escritos por professores/as e autores independentes;

Financiar (total ou parcialmente,) livros de professoras/es e estudantes da rede pública.

PRINCÍPIOS:

Os trabalhos voltados para a **educação, cultura** e produções independentes;

O uso exclusivo de **softwares livres** na produção dos livros, revistas, divulgação etc;

A ênfase na produção de **obras coletivas** de profissionais da educação;
Publicar e divulgar **livros de professores(as) e autores(as) independentes**;

O respeito à **liberdade e autonomia** dos autores(as);

O combate ao despotismo, ao preconceito e à superstição;

O respeito à **diversidade**.

Filiada à:



Produzida com utilização de softwares livres



05 EDITORIAL

Antônio R. P. Medrado

07 Ciência, Tecnologia & Sociedade

Adeilson Batista Lins

11 HOMENAGEM**FÁTIMA GAMA****ARTIGOS**

- | | |
|---|-----|
| 1. LINGUAGEM, ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO
ADRIANA PEREIRA SANTOS DA SILVA | |
| 2. A INTERAÇÃO DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NAS ESCOLAS E NA SOCIEDADE
ALECINA DO NASCIMENTO SANTOS | |
| 3. A EDUCAÇÃO INCLUSIVA E OS DESAFIOS DA SUA IMPLEMENTAÇÃO
ANDRÉ LUIZ DIAS LEITE | |
| 4. EDUCAÇÃO ESPECIAL: A INCLUSÃO COMO DESAFIO
ANDRESSA TALITA DE LARA | 35 |
| 5. RECONHECIMENTO E VALORIZAÇÃO DA INFÂNCIA INDÍGENA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA ABORDAGEM
ANGELITA APARECIDA FERREIRA GEBIN | 43 |
| 6. OS DESAFIOS DA SUPERVISÃO PEDAGÓGICA EM LUANDA
ANTÔNIO DOS SANTOS JOÃO MIGUEL / FÁTIMA TOMÁS DIAS DOS SANTO GAMA | 51 |
| 7. EMMI PIKLER: UMA VISÃO REVOLUCIONÁRIA DO DESENVOLVIMENTO PSICOMOTOR INFANTIL
BEATRIS MARIA MOCELLIN | 63 |
| 8. OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO PÚBLICA, A QUALIDADE DO ENSINO E A RELAÇÃO DISCENTE E DOCENTE NA SALA DE AULA
DANIEL LEOPOLDO MOREIRA BARBOSA | 69 |
| 9. A IMPORTÂNCIA DA ALFABETIZAÇÃO COMO INSTRUÇÃO PRIMÁRIA
DANIELA PROENÇA VERLY DA SILVA | 77 |
| 10. PRIORIZANDO A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA INFÂNCIA: CONSTRUINDO UM FUTURO SUSTENTÁVEL
DINAH LUISA DA SILVA | 85 |
| 11. NEUROCIÊNCIAS E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A VIDA ESCOLAR
ELISANGELA SANTOS REIMBERG EDUARDO | 93 |
| 12. A NEUROLINGÜÍSTICA E OS TALENTOS DOS EDUCANDOS
ESTER DE PAULA OLIVEIRA | 101 |
| 13. PARQUE INCLUSIVO: ACESSIBILIDADE GARANTIDA PARA TODOS
JOSEFA BEZERRA DE MENESES | 109 |
| 14. PROPOSTAS MATEMÁTICAS NAS SALAS DE PROJETO DE APOIO PEDAGÓGICO DA RMESP
LETÍCIA ZUZA DE LIMA CABRAL | 117 |
| 15. ABORDAGENS DIRECIONADAS AO DESENVOLVIMENTO DE EDUCADORES
LUCIMARA DOS SANTOS DE BARROS | 125 |
| 16. DESPERTANDO O INTERESSE DAS CRIANÇAS PELOS CONTOS DE FADAS
MARCELA RODRIGUES PIMENTEL | 131 |
| 17. AS CONTAÇÕES DE HISTÓRIA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O APRENDIZADO
MARIA APARECIDA ARMANDILHA NUNES | 137 |
| 18. GESTÃO DIRETRIZES E COMPROMISSOS PARA UMA EDUCAÇÃO DE QUALIDADE
MARIA DE FÁTIMA COSTA ROCHA | 143 |
| 19. MÉTODOS PEDAGÓGICOS PARA ALUNOS COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS
MARILENA WACKLER | 149 |
| 20. A DIVERSIDADE NOS ESPAÇOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL
SIDNÉA DOS SANTOS QUINTINO AMORIM | 159 |
| 21. PEDAGOGIA DE PROJETOS NO ENSINO FUNDAMENTAL I
SIDNEIA VIANA | 167 |
| 22. BRINCANDO DE FAZ DE CONTA NA EDUCAÇÃO INFANTIL
SILEUSA SOARES DA SILVA | 173 |
| 23. A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE MATEMÁTICA NOS ANOS INICIAIS
SORAIA MITAUY FREITAS | 181 |
| 24. A PEDAGOGIA E AS TEORIAS QUE CONTRIBUEM PARA O EDUCAR
VILMA CAVALCANTE SABINO DA SILVA | 189 |



A IMPORTÂNCIA DA ALFABETIZAÇÃO COMO INSTRUÇÃO PRIMÁRIA

DANIELA PROENÇA VERLY DA SILVA¹

RESUMO

Este artigo tem como foco a interação entre a Instrução Primária e a Educação Literária, e o papel crucial do educador no ciclo de instrução e aquisição de conhecimento. Apesar de todos os indivíduos terem a capacidade inata de interpretar textos e aprimorar a redação com o passar do tempo, a interpretação textual não se limita a simplesmente combinar caracteres para criar termos. Um leitor eficiente é aquele que consegue dialogar com o conteúdo, expandir conceitos, associá-lo a outras obras e extrair novos entendimentos a partir dele. A instituição de ensino é um local adequado para a aquisição dessa competência, e a função do educador é guiar os estudantes para que se tornem leitores habilidosos e cientes de sua posição perante uma obra. Durante a interpretação textual, podem aparecer desafios, e é essencial que o educador empregue táticas de interpretação e redação para tornar esse ciclo gratificante e atingir as metas de aquisição de conhecimento.

Palavras-chave: Aquisição de Conhecimento; Desafios; Interpretação Textual.

INTRODUÇÃO

O assunto principal deste artigo é a Instrução Primária e a Educação Literária, e como eles influenciam o ciclo de instrução e aquisição de conhecimento. A Instrução Primária é a fundação para toda a aquisição de conhecimento, e um estudante que sabe interpretar textos, entender e redigir tem mais facilidade para aprimorar competências em várias áreas do saber. Por outro lado, aqueles que não possuem essas competências podem encontrar obstáculos no ambiente profissional e em seu crescimento pessoal.

Além do saber e competências em interpretação e redação, certos comportamentos

e disposições auxiliam os estudantes a se tornarem aprendizes eficientes, seguros e estimulados.

Atualmente, a Educação Literária busca democratizar o acesso a práticas de interpretação e redação, auxiliando os estudantes a entenderem a redação alfabética como uma construção social.

As metas deste estudo são demonstrar a relevância da Instrução Primária e da Educação Literária, suas similaridades e os passos necessários para construir um ciclo de instrução e aquisição de conhecimento significativo. Para isso, foram realizadas pesquisas bibliográficas para encontrar autores que debatem o assunto.

¹ Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Cruzeiro do Sul, UNICSUL. Pós Graduação em Educação à Distância pela Universidade Paulista, UNIP. Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I na Prefeitura Municipal de São Paulo, SME, PMSP.

A FUNÇÃO DO EDUCADOR NO CICLO DE INSTRUÇÃO PRIMÁRIA E EDUCAÇÃO LITERÁRIA

Para instruir crianças a entenderem a relação entre caracteres e sons, é importante que a instrução de fonética e reconhecimento de termos ofereça oportunidades para que eles se sintam confortáveis com vários aspectos da interpretação textual. Isso inclui o saber do alfabeto, a consciência dos sons dos termos, a relação entre som e símbolo, a identificação de termos e táticas para isso, a conexão entre a ortografia e a redação, a prática de interpretação relacionada e a fluência na interpretação.

Uma instrução eficiente nesses aspectos irá auxiliar as crianças a se tornarem leitores habilidosos e seguros.

O professor alfabetizador deve estar sempre disponível para aguçar a sensibilidade e a atenção das crianças para o material de fato relevante e preparar a situação em que elas possam participar ativamente desse trabalho de construção de hipóteses (FRANCHI, 2012, p. 206).

Numerosos publicadores, de magnitude variada, conceberam esquemas de ensino de fonética e identificação de termos para auxiliar na instrução de interpretação textual.

Esses ensinamentos podem ser incorporados em grandes esquemas de instrução de interpretação textual ou em esquemas auxiliares focados em um aspecto específico da instrução.

Muitos professores ensinam fonética e identificação de termos usando esquemas de instrução de interpretação textual publicados comercialmente pelo distrito de ensino, que incluem materiais para a instrução de interpretação textual de diferentes níveis de série, como manuais do instrutor, materiais de interpretação textual para os estudantes e materiais auxiliares para apoiar os componentes principais. Esses esquemas geralmente incorporam atividades de fonética e identificação de termos em uma sequência de instrução que

inclui interpretação textual compartilhada de literatura infantil e interpretação textual guiada em histórias previsíveis.

Para que o ciclo de interpretação e redação, denominado Interpretar e Redigir, seja bem-sucedido, não basta que o indivíduo tenha competência em decodificar e codificar um texto usando o código alfabético. É necessário que ele conheça a variedade de textos utilizados na sociedade, compreenda a sua função e seja capaz de interpretá-los, produzi-los e reproduzi-los.

Em outras palavras, a interpretação e a redação não se resumem apenas a decifrar termos, mas também a entender o contexto em que eles são utilizados e a produzir textos que atendam a um propósito específico na comunicação. É responsabilidade do instrutor despertar o interesse pela interpretação textual nos alunos, transformando esse interesse em uma necessidade e ensinando-os a relacionar o que interpretaram com suas próprias experiências e a enriquecer suas vivências a partir da interpretação textual.

O professor de português tem o papel crucial de construir um leitor, em vez de simplesmente esperar que o estudante já seja um.

Quanto ao contato das crianças com a interpretação e a redação, acredita-se que eles tenham experiências significativas com essas práticas dentro de suas realidades, mesmo que tenham uma visão mais pragmática sobre elas.

É importante considerar que os conhecimentos prévios que os estudantes trazem para a instituição de ensino fazem parte do ciclo de instrução primária, como aponta Emilia Ferreiro (2001):

É útil perguntar através de que tipo de práticas a criança é introduzida na língua escrita, não só no papel, mas também através dos meios de eletrônicos. Se uma criança sabe ler, mas não é capaz de ler um livro, uma revista, um jornal e se sabe escrever

palavras e frase, mas não é capaz de escrever uma carta ela é alfabetizada, mas não é letrada. (FERREIRO, 2001, p. 30)

Dessa forma, os ciclos de aquisição da interpretação e redação devem levar em conta o desenvolvimento da criança, que começa muito antes da escolarização.

A instrução primária é crucial para nos auxiliar a interpretar nosso universo. Desde o instante em que despertamos até o instante em que adormecemos, estamos constantemente interpretando o universo ao nosso redor.

INSTRUÇÃO PRIMÁRIA E EDUCAÇÃO LITERÁRIA

A instrução primária é muito mais do que apenas decifrar o código, é aprender a utilizar a interpretação e a redação de maneiras significativas, o que permite explorar e comunicar conceitos, aprender com outras pessoas, descobrir diferentes perspectivas e ver o universo de maneiras novas.

A instrução primária precoce, que inclui o saber do alfabeto, é um componente importante da instrução primária emergente, mas sabe-se pouco sobre o impacto da instrução precoce nesse desenvolvimento.

A competência de interpretação e redação beneficia não apenas o indivíduo, mas toda a comunidade. É importante incentivar e estimular a instrução primária ao longo da vida, começando com pequenos passos emocionantes para as crianças experimentarem a emoção da interpretação e da redação.

O assunto da instrução primária é complexo e tem sido objeto de discussão por muitos autores. Existem diferentes conceitos e pontos de vista sobre o assunto.

Para alguns autores, como Cagliari (1997), instrução primária é principalmente a aprendizagem da interpretação e da

redação, enquanto para outros, como Coracini (2002), a instrução primária é um fenômeno socialmente construído que envolve aspectos sociais e políticos para a formação de cidadãos mais atuantes na sociedade.

É importante que a instrução primária inclua tanto o domínio das competências da interpretação e da redação quanto a sua utilização na vida social, para que os indivíduos se tornem letrados e instruídos primariamente. Embora muitas pessoas acreditem que instrução primária e educação literária sejam sinônimos, para Soares (2002), esses termos referem-se a ciclos diferentes, sendo a educação literária o resultado da prática social da interpretação e da redação.

Um indivíduo instruído primariamente não é necessariamente um indivíduo letrado, instruído primariamente é aquele que sabe interpretar e redigir, já o indivíduo que vive em estado de educação literária, e não é só aquele que sabe interpretar e redigir, mas aquele que usa socialmente a interpretação e a redação, responde adequadamente as demandas sociais de interpretação e de redação. (SOARES, 2002, p. 39-40)

Nosso universo é permeado pela redação e exigimos que as pessoas apliquem seus conhecimentos adquiridos na instituição de ensino em suas atividades diárias.

Portanto, é crucial desenvolver um ciclo de instrução primária que permita ao indivíduo entender as funções da redação em suas atividades cotidianas, como interpretar uma placa ou redigir um bilhete para pegar um ônibus.

Apenas saber interpretar não é suficiente se não houver entendimento do que está sendo interpretado. Costa (2002, p. 57) destaca a importância de associar o aprendizado escolar às situações cotidianas dos estudantes para garantir que o conhecimento seja aplicado de maneira significativa:

Para a ampliação das práticas do letramento dosalfabetizandos, é essencial garantirque as práticas

trabalhadas na escola estejam também presentes fora dela; a possibilidade de articulação entre os âmbitos interna e externo ao ambiente escolar, pode se constituir em uma das estratégias importantes para envolver o aluno no processo de aprendizagem, concorrendo para a sua permanência no curso e para a efetivação da alfabetização.

Para a edificação de um ciclo de instrução primária que almeje a educação literária e a conscientização dos estudantes, é imprescindível a aplicação de vários tipos de textos que possam auxiliar na conquista dessas metas.

Para adquirir competências de interpretação e redação, é necessário entender o significado da redação e como ela representa a linguagem graficamente.

O professor desempenha um papel crucial como intermediário nesse ciclo, utilizando táticas de antecipação para auxiliar o estudante a progredir na interpretação e na redação. A meta é fazer com que a interpretação seja contextualizada e tenha significado, permitindo que o estudante imagine o que pode estar redigido.

Soares (2003, p. 56 – 57) declara que:

Analfabetismo no primeiro mundo? (...) quando os jornais noticiam a preocupação com altos níveis de analfabetismo em países como os Estados Unidos, a França, a Inglaterra surpreende porque: como podem ter altos níveis de analfabetismo países era que a escolaridade básica é realmente obrigatória e, portanto, praticamente toda a população conclui o ensino fundamental (que, nos países citados, tem duração maior que a do nosso ensino fundamental - 10 anos nos Estados Unidos e na França, 11 anos na Inglaterra). E que, quando a nossa mídia traduz para o português a preocupação desses países, traduz *iliteracy* (inglês) e analfabetismo nesses países, isto é, o número de pessoas que não sabem, ler ou escrever aproxima-se de zero; a preocupação, pois, não é com os níveis de analfabetismo, mas com os níveis de letramento, com a dificuldade que adultos e jovens revelam para fazer uso adequado da leitura e da escrita: sabem ler e escrever, mas enfrentam dificuldades para escrever um ofício,

preencher um formulário, registrar a candidatura a um emprego – os níveis de letramento é que são baixos.

Ainda com Soares (2003):

Dissociar alfabetização e letramento é um equívoco porque, no quadro das atuais concepções psicológicas, linguísticas e psicolinguísticas de leitura e escrita, a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita se dá simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita – a alfabetização, e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita – o letramento. Não são processos independentes, mas interdependentes, e indissociáveis: a alfabetização se desenvolve no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este, por sua vez, só pode desenvolver-se no contexto da e por meio da aprendizagem das relações fonemagrafema, isto é, em dependência da alfabetização. (p. 59-60)

É habitual que todo ser humano possua algum grau de educação literária, mesmo que seja mínimo. Por essa razão, é essencial que o instrutor utilize o saber prévio do estudante para auxiliá-lo a edificar novos saberes com base em suas vivências e cultura. Dessa forma, o educador pode instruir primariamente o estudante, ao mesmo tempo em que a educação literária é desenvolvida.

CONSCIÊNCIA FONÉTICA

Durante a etapa de instrução primária emergente, os jovens estão focados em aprimorar sua linguagem verbal, entendendo como e por que utilizar a redação, e desenvolvendo sua consciência inicial de fonética e sintaxe.

Para desenvolver a consciência fonética em todos os jovens, os instrutores devem conhecer um pouco acerca da estrutura da linguagem, especialmente a fonologia. A fonologia é o estudo das regras que comandam a produção de sons da fala. A fonética, por sua vez, é o estudo da forma como os sons da fala são articulados e a fônica é o sistema pelo qual os símbolos representam sons

em um sistema de redação alfabético. (ADAMS, et al, 2005, p.21)

Um componente importante para o início da instrução de interpretação textual é ensinar caracteres e sons com eficácia. Relacionados ao saber de caracteres e sons estão a consciência fonética (a capacidade de ouvir e manipular sons na linguagem verbal (e a consciência fonêmica (a capacidade de ouvir e manipular fonemas, as menores unidades de som na linguagem verbal).

Pode ser tentador ensinar essas competências isoladamente, uma vez que podem ser facilmente analisadas, mas são muito difíceis de aplicar e generalizar quando são ensinadas isoladamente. O saber do alfabeto inclui saber os nomes dos caracteres, seus sons e suas formas individuais.

O princípio alfabético se baseia na ideia de que os caracteres e grupos de caracteres representam os sons da linguagem falada. Ao interpretar termos familiares e não familiares, os leitores aplicam o princípio alfabético por meio da fonética, utilizando seu saber das relações entre sons e caracteres.

A meta da instrução em princípios alfabéticos é ensinar aos estudantes como aplicar seu saber de caracteres e sons, em vez de simplesmente identificá-los e memorizá-los através de repetição. Não há evidências que apoiem a instrução isolada do saber do alfabeto para melhorar a interpretação textual. Os estudantes que estão no nível emergente de interpretação e redação precisam de instruções explícitas sobre o alfabeto e seus sons para melhorar sua consciência fonética. O uso de termos para ensinar caracteres e sons integra essas competências e ensina sua aplicação desde o início.

Ainda precisamos aprender muito sobre as origens da consciência fonológica, mas uma teoria que transita entre os estudiosos do assunto é a de que as crianças aprendem a analisar os sons das palavras com o auxílio de rotinas linguísticas comuns. As rimas, particularmente as rimas infantis, são um exemplo, porque apresentam

componentes que compartilham sons semelhantes. Então, reconhecer que duas palavras possuem rima é saber algo sobre seus sons e sobre os componentes que fazem parte delas. (COLLODEL BENETTI, et al 2015, p.128)

Ao lidar com estudantes em estágio inicial, o foco deve ser a consciência fonêmica, com atividades que realcem a rima, ritmo, repetição, aliteração e previsibilidade.

É crucial utilizar termos que tenham significado para o estudante, começando com seu próprio nome e outros termos que eles provavelmente encontrarão com frequência.

Ao instruir o saber de caracteres e sons, é aconselhável utilizar uma variedade de táticas para incentivar a compreensão generalizada desde o início, em vez de simplesmente instruir de forma mecânica. Isso pode incluir a interpretação de livros do alfabeto, apontar caracteres e termos no ambiente, falar sobre caracteres e seus sons nas atividades diárias, oferecer oportunidades para brincar com os caracteres e sons, fazer referência explícita aos nomes dos caracteres e sons em atividades compartilhadas de interpretação e redação e utilizar o nome dos estudantes.

É fundamental instruir explicitamente os sons e caracteres ao longo do dia em contextos significativos e incorporar competências fonológicas em atividades regulares.

As atividades de correspondência e classificação de som podem ser feitas com dispositivos eletrônicos, quadros brancos ou com soluções de papel de baixa tecnologia.

A INTERPRETAÇÃO E A REDAÇÃO COMO CICLOS DO DESENVOLVIMENTO DO APRENDIZADO

Interpretar e redigir não se limita apenas à decodificação do código linguístico. É essencial ser capaz de interpretar diferentes gêneros textuais.

O ambiente em que o ser humano está inserido é fundamental para o desenvolvimento de seu aprendizado, já que estamos em um universo letrado, onde existem diversos códigos linguísticos.

De acordo com Kleiman (1995, p. 19):

Podemos definir hoje a educação literária como um conjunto de práticas sociais que utilizam a redação, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para metas específicas.

Quando se instrui a interpretar e redigir com base nas situações cotidianas das crianças, elas aprendem de forma contextualizada, associando o aprendizado ao que já conhece. Isso vai além de simplesmente aprender caracter por caracter. Magda Soares destaca que o domínio da interpretação e redação envolve competências que vão além da simples capacidade de interpretar e redigir.

É importante lembrar que o conceito de educação literária e instrução primária pode variar de acordo com o contexto histórico, social e cultural em que o ser humano está inserido, pois o desenvolvimento do país exerce grande influência sobre o ciclo educacional.

É importante salientar que os problemas enfrentados no ciclo de instrução primária no Brasil são persistentes e têm raízes históricas.

No Brasil, como em vários países da América Latina, as antigas elites – formadas por oligarcas com influências liberais – acostumaram-se a ver na educação “a alavanca do progresso”. Assim, tomaram o tema do analfabetismo e despejaram rios de retórica. Diziam que o país jamais poderia encontrar seu caminho e a democracia jamais poderia ter uma realidade enquanto tivermos uma tão alta proporção de analfabetos. A “ignorância” e o “atraso” eram duas faces da mesma moeda. Palavras, muitas palavras – e - mas nenhuma ação (FREIRE, 1967, p. 93).

As perspectivas otimistas dos instrutores podem impactar o aprendizado dos estudantes em várias situações sociais e

educacionais. Embora o crescimento dos seres humanos possa variar, é crucial reconhecer que eles podem se beneficiar de diferentes vivências em contextos sociais e educacionais. Dessa forma, a instituição de ensino deve proporcionar ambientes que facilitem o ciclo de educação literária e instrução primária, visto que são responsáveis pela preparação dos seres humanos para as práticas sociais, proporcionando um espaço rico em aprendizado para todos os estudantes.

As crianças começam a aprender a interpretar e redigir muito cedo na vida, mesmo antes de desenvolverem competências de produção de interpretação e redação. Elas aprendem a utilizar símbolos, combinando sua linguagem verbal, imagens, impressão e brincadeiras de forma coerente, criando e comunicando significados de várias maneiras.

A partir de suas vivências e interações com adultos, as crianças começam a interpretar termos, compreendendo as relações entre caracteres e sons e adquirindo saber substancial do sistema alfabético.

À medida que continuam a aprender, as crianças consolidam cada vez mais essas informações em padrões que permitem a interpretação e redação fluente e automática. Portanto, a aquisição da interpretação e redação é um ciclo contínuo de desenvolvimento, e não uma competência que se adquire de forma instantânea. De acordo com Smith (1989, p. 236):

Existe somente um modo de se resumir tudo o que uma criança deve aprender a fim de se tornar um leitor fluente, e este é dizer que a criança deve aprender a utilizar a informação não-visual, ou o conhecimento anterior, de modo eficiente, quando atentado para a linguagem escrita. E uma compreensão das finalidades e convenções dos textos é uma parte central da informação não-visual. Pois, o aprender a ler não requer memorização de nomes e letras, ou

regras fonéticas, ou um grande vocabulário; tudo isto vem no curso do aprendizado da leitura, e pouco disto fará sentido para uma criança sem alguma experiência em leitura.

As competências específicas necessárias para a interpretação e redação vêm de vivências imediatas com a linguagem verbal e redigida.

As vivências iniciais começam a moldar as suposições e expectativas sobre como se instruir primariamente, dando às crianças e aos jovens motivação para trabalhar em direção à aprendizagem da interpretação e redação. Por meio dessas vivências, as crianças e os jovens aprendem que a interpretação e redação são ferramentas valiosas que os auxiliarão a realizar muitas coisas importantes na vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dos primeiros estágios de existência, as crianças vivenciam uma ampla gama de vivências com a linguagem verbal e redigida, que podem variar significativamente. Em residências e em contextos de cuidado infantil, os jovens têm acesso a diferentes recursos, tipos e graus de suporte para a interpretação e redação precoce.

Algumas crianças podem ter acesso imediato a uma variedade de materiais de interpretação e redação, enquanto outros não têm; alguns jovens observam seus pais interpretando e redigindo com frequência, enquanto outros só ocasionalmente; alguns jovens recebem instrução direta, enquanto outros recebem assistência mais casual e informal.

Durante a Educação Infantil, as crianças vivenciam uma ampla gama de vivências com a linguagem verbal e redigida, e não há um método único e eficaz para instruí-los.

Os bons educadores utilizam uma variedade de táticas de instrução que podem atender às diferentes necessidades dos jovens em sala de aula.

A meta central durante esses anos é aumentar a exposição e os conceitos dos jovens sobre a redação, e a atividade mais importante para edificar essas competências é a interpretação em voz alta para as crianças.

Os professores devem utilizar livros grandes para auxiliar as crianças a distinguir muitos recursos redigidos e demonstrar as características da interpretação.

Portanto, a ampla exposição à redação e o desenvolvimento de conceitos sobre ela e suas formas e funções são essenciais para a aprendizagem da interpretação e redação no primeiro ciclo de alfabetização, podendo ser na Educação Infantil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAMS, M. J. et al. **Consciência fonológica em crianças pequenas**. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. 10ª ed. São Paulo: Scipione, 1997, p.191.
- COLLODEL, Idonezia B. et al. "**Um dois, feijão com arroz...**": rimas e ludicidade como pretexto para estimular o gosto pela e a aprendizagem da leitura. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/CadernosdoAplicacao/article/view/50362/0>>. Acesso em: 05 abr, 2024..
- CORACINI, Maria José Rodrigues Faria et al. Leitura: decodificação, processo discursivo...?. In: CORACINI, Maria J.R. (Org.). **O jogo Discursivo na Aula de Leitura**. Língua Materna e Língua Estrangeira. São Paulo: Pontes, 2002.
- FERREIRO, Emília, **Reflexões sobre Alfabetização**. São Paulo. Cortez, 2001.
- FRANCHI, Eglê. **Pedagogia do alfabetizar letrando: da oralidade a escrita**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da Liberdade**. Rio de Janeiro Exemplar nº 1405: editora Paz e Terra LTDA, 1957, p. 123.
- KLEIMAN, Ângela. (Org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 1995, p.
- KLEIMAN, Ângela. **Letramento E Suas Implicações Para O Ensino De Língua Materna**. Disponível em . Acesso em 20 abr.2024.
- SMITH, F. (1989). **Compreendendo a leitura: uma abordagem psicolinguística da leitura e do aprender a ler**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.
- SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. Disponível em acesso em 10 abr.2024.
- SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. 128p.
- SOARES, Magda. **Linguagem e Escola: Uma perspectiva Social**. São Paulo, Ática, 1986 p. 86.
- _____. Brasil: Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**. 2001.





<https://doi.org/10.52078/issn2675-2573.rpe.51>

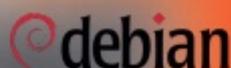
ORGANIZAÇÃO:
Manuel Francisco Neto
Vilma Maria da Silva

AUTORES(AS):

Adriana Pereira Santos da Silva
Alecina do Nascimento Santos
André Luiz Dias Leite
Andressa Talita de Lara
Angelita Aparecida Ferreira Gebin
Antônio dos Santos J. Miguel e Fátima Tomás
Dias dos Santos Gama
Beatris Maria Mocellin
Daniel Leopoldo Moreira Barbosa
Daniela Proença Verly da Silva
Dinah Luisa da Silva
Ester de Paula Oliveira
Elisangela Santos Reimberg Eduardo
Josefa Bezerra de Meneses
Letícia Zuza de Lima Cabral
Lucimara dos Santos de Barros
Marcela Rodrigues Pimentel
Maria Aparecida Armandilha Nunes
Maria de Fátima Costa Rocha
Marilena Wackler
Sidnéa dos Santos Quintino Amorim
Sidneia Viana
Sileusa Soares da Silva
Soraia Mitauy Freitas
Vilma Cavalcante Sabino da Silva



Produzida com utilização de softwares livres



Platform &
workflow by
OJS / PKP

www.primeiraevolucao.com.br

